

## Texto curatorial

### O silêncio e o refúgio: subjetividades femininas

MARINA CERCHIARO

Os feminismos frequentemente focam na importância de dar visibilidade e lugar de fala às mulheres. Todavia, feministas decoloniais como Maria Lugones (2014) e Marnia Lazreg (2020) tem enfatizado a necessidade de discutir as mulheres em condição de silêncio. Para Lugones a subjetividade que resiste, frequentemente tem a autoridade, voz e visibilidade negada e por isso se expressa infrapoliticamente, ou seja se volta para um diálogo intersubjetivo onde a resistência se dá na construção de novos significados e nos pequenos agenciamentos. Para Lazreg é necessário pensar as mulheres em condição de silêncio como agentes ativas de suas vidas e atentar para as atividades mundanas. Para ela, a ausência de voz pública não significa a inexistência de diálogo ou de ação e há diferentes formas de silêncio que podem ser estruturais, circunstanciais ou estratégicas. Com base nestas ideias, esta exposição tem como objetivo refletir sobre as noções de silêncio e refúgio na subjetividade feminina. Reúne obras de cinco artistas mulheres contemporâneas e feministas ligadas ao ambiente acadêmico, tanto em início de carreira quanto com carreira consolidada.

“As sereias não cantaram”, performance em vídeo de Gabriela De Laurentiis chama a atenção para o silêncio estratégico das mulheres e de como ele pode ser sua arma, diante da recusa masculina a escuta do feminino. O silêncio, como forma de escuta de si e da natureza, também perpassa outros trabalhos da exposição. Corpo feminino e natureza aparecem entrelaçados em trabalhos como em “Ensimismamento”, de Mariana Cortes, “Entoar o barro”, de Marcia Bianchi e “Fragmentos amorosos” de Gabriela De Laurentiis. De diferentes formas, evocam à descoberta profunda de si e diálogos íntimos com o próprio corpo. Nesses trabalhos corpo e natureza podem ser compreendidos também como refúgio, lugar de proteção e de cura da subjetividade. Tratar de refúgio é ainda abordar a travessia que transforma, apresentada de maneira lírica e metafórica no belo trabalho “O azul vidrado” de Marcia Bianchi.

Já a ideia de refúgio como casa e espaço doméstico emerge nos trabalhos de Tatiana Ferraz e Raisa Maria. Desde a década de 1920, Virginia Woolf (2020) já refletia sobre a necessidade das mulheres terem um “teto todo seu” para poder se expressar e exercer seu potencial criativo. Por meio de abordagens distintas, Tatiana e Raisa abordam as relações entre casa e espaço público e as contradições do lar ser tanto um lugar de refúgio quanto de violência para as mulheres. Para lançar luz a essas contradições, Raisa Maria propõe uma casa desmontável e Tatiana Ferraz concebe casas com espinhos ou estruturas cortantes, aludindo aos perigos a que as mulheres estão sujeitas tanto no espaço privado quanto público. Assim como o silêncio, a casa pode ser para as mulheres tanto refúgio quanto cárcere.

Esta exposição deseja contribuir para ampliar o campo de discussões sobre feminismos na arte contemporânea trazendo a relevância de se considerar formas de agenciamentos menos visíveis, subjetivas e poéticas, que destacam a força e a resiliência das mulheres. Ela oferece ainda novas perspectivas para refletir sobre as noções de silêncio e refúgio, revelando suas complexidades e contradições do ponto de vista das experiências femininas.

O resultado é fruto do trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisa “O Espaço Delas: artistas mulheres que atuam no campo tridimensional” (CNPq), sediado na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Ele reúne pesquisadoras/es e artistas da UFU, da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Universidade de São Paulo (USP), interessadas/os em refletir sobre questões de gênero e feminismos no campo ampliado da escultura e das práticas artísticas tridimensionais.